

Stadium

N.º 113 ★ 31 DE JANEIRO DE 1945 ★ PREÇO 1\$50



O GRANDE ENCONTRO DE HOJE entre o SPORTING e o ATLÉTICO AVIAÇÃO

Os jogadores madrilenos, com alguns dos seus mais populares adversários do Sporting, todos rodeando o grande Ricardo Zamora, deixam-se fotografar expressamente para a STADIUM, após a chegada ao aeródromo da Portela de Sacavém, na tarde de segunda-feira

VER
NESTE
NÚMERO

No Mundo da Bola / FUTEBOL — Comentários aos jogos do Campeonato Nacional — O grande jogo desta tarde / **ATLETISMO** — Mais um capítulo da série de exercícios gimnásticos para atletas / **LUTA** — Está constituída a Federação! / **ESGRIMA** — Abriu a época de 1945 / **REPORTAGEM** — Os jogadores de futebol fora do seu ambiente — A Académica em Lisboa / **EVOCAÇÕES** — Como Jack Johnson bateu Ketchell
Reportagem gráfica de todos os acontecimentos desportivos da semana

O GRANDE CAMPEONATO

Benfica e Sporting mais perto um do outro

Como o panorama sofre variações, mesmo as mais inesperadas — Quatro jogos de interesse e um encontro frio como as pedras da calçada...

Crónica de TAVARES DA SILVA

COMEÇOU a Segunda Volta do campeonato nacional e logo se deram na primeira jornada reviravoltas na tabela da classificação geral que nos dizem abrir-se a fase da competição mais difícil e espinhosa, se não para todos os concorrentes, ao menos e com certeza para o que ocupa a posição de n.º 1 e para os que vão ao ataque do «forte encarnado», que são todos aqueles que se encontram nas imediações dos 16 pontos, o domínio do Benfica.

Tudo quanto se passou faz desenharem mais nitidamente a luta que já vinha desenvolvendo-se entre os dois Clubes Históricos. O Sporting sabia ao segundo posto, desta vez isolado, ganhando com a derrota do Fôrtio, que desceu dois degraus e para a 4.ª classificação. Por outro lado, o empate do Benfica no Estoril aproximou mais os dois grandes clubes lisboetas. Entre eles há apenas dois pontos de separação, o que tanto pode ser maralha intronsponeível como obstáculo que não deixará de ser arredado. De positivo, sabe-se isto: Benfica e Sporting, as maiores forças do futebol português, estão mais uma vez frente a frente, tendo ao seu redor inimigos por toda a parte.

Não deverá contar-se ainda com o Belenenses? Seria rematada tolice pôr de lado um clube cuja tendência presente é para o aprazimento da sua forma, e que bem pouco se deixou atrazar. Já quanto ao Fôrtio, parece-nos que esta derrota contra o Belenenses, no seu campo emprestado, comprometeu seriamente as suas pretensões ao título. O Fôrtio continuará a ser uma ameaça de domingo para domingo. Também o Olhanense, e todos os outros, na sua escala de valores. Salgueiros, com o seu empate em Guimarães, diz-nos ao menos que vive e que tem boa disposição de luta, lá de quando em quando. De resto, a questão do título de campeão dependerá, como iremos ver, de uma tarde feliz de qualquer dos concorrentes menos categorizados. Os que estão na Prova, sabendo que o título já não se encaminhará para eles. Na 10.ª jornada, a que nem faltou o picante das surpresas, verificaram-se os seguintes resultados:

| | | | | |
|------------------------|---|---|-------------------------|---|
| Estoril | 1 | — | Benfica | 1 |
| Sporting | 3 | — | Vitória (Setúbal) | 0 |
| Fôrtio | 2 | — | Belenenses | 6 |
| Académica | 1 | — | Olhanense | 0 |
| Vitória (Guimarães) .. | 4 | — | Salgueiros | 4 |

A jornada foi bem disputada, de modo geral. Vários desafios de categoria, tecnicamente e quanto a espírito de competição. O do Estoril em primeiro plano. Logo o do Lima e o de Santa Cruz. A excepção do Lamiar, um desafio que se previa ardoroso, pelo menos, não conta por aí além. Em contrapartida, um encontro como o Vitória (Guimarães)-Salgueiros, transformou-se num *match* cerrado, entusiástico, com a beleza característica da luta em que o terreno se conquista palmo a palmo. O mau tempo influiu no jogo, em campo e fora dele. Em campo, porque alguns terrenos, já de si pouco cuidados, ficaram uma lástima. Fora dele porque os furiosos resistem, mas os outros fogem no sacrifício. Nalguns lados, especialmente, o nevoeiro e a neblina cobriram o futebol. Depois da neve, o nevoeiro. À este respeito, não se pode exigir mais à competição de 1945.

À lei das substituições e das lesões continuam influiu nos *teams*; portanto, no campeonato. Quanto à primeira, e para significar o que desejamos, vamos dar um exemplo expressivo. O primeiro, do Belenenses, com a substituição de Acácio, uma unidade que abalava a moral do conjunto, por Capela, um novo que entrou para o mando dos titulares, renascendo ao *team* do qual falam melhor os actos do que as palavras.

Quanto à lei das lesões, devemos acrescentar que tanto pode ser prejudicial como benéfica. António Nunes, do Estoril, magoando-se há tempos, não teria criado problema para o seu *team*? A lesão de Correia Dias, do Fôrtio, agora ocorrida, não será profundamente prejudicial ao conjunto do grupo?

As lesões, às vezes, têm repercussões benéficas: quando fazem a ascensão de novos com qualidades que, se não fôra isso, seriam eternamente matéria suplente, ou quando forçam a um arranjo ou a uma decisão que se justificava. Por exemplo, saindo Petrek, magoado numa costela, orientador do ataque do Estoril sem o necessário espírito de luta e vibração, o caso do profissional com coração de profissional, e encontrando o clube uma solução satisfatória, não estaremos em presença de um aspecto especial e curioso da lei das lesões!

Que tudo isto serve para demonstrar como um campeonato com as características do nosso Nacional custa a ganhar, e como é está sagueito também aos caprichos da sorte. À medida que se avança nos domingos, todos os concorrentes sentem e compreendem que lhes são necessárias mais forças, e que estas estão ao pouco abaladas em alguns casos. Daí mais luta e maiores sacrifícios cada oito dias.

A faculdade da recuperação do Benfica posta em cheque na Amoreira?

Foi um desafio curioso, a todos os títulos. Veloz, apesar do estado do terreno. A contenda da Amoreira teria pôsto em cheque a tão cantada faculdade de recuperação, que mais não é do que a sin-

tese de qualidades e características que vivem no Benfica, porventura mais fortemente do que nos outros clubes, posta em destaque em duas semanas seguidas?

Não nos parece. Simplesmente aconteceu não ter o Benfica a sorte a seu favor, e provocar um pouco, também, o seu asar com remates defeituosos ou frouxos, contra um guarda-rédes que tem categoria e uma defesa que batalha e que custa a bater.

Contemos como os casos se passaram, pois ressaltará nítida a imagem do jogo. O primeiro tempo lindou com os grupos empatados, sem bolas. Estava certo o resultado, pois o Benfica jogara mais ao ataque, mas o Estoril, atendendo à defesa, não deixara de responder, provocando perigos. Logo no abrir da segunda parte, o Estoril marca o seu *goal*. Que acontece, então? Todo o panorama se altera, pela varinha mágica dessa bola.

O Benfica, como sempre, compreendeu e sentiu a necessidade de reagir, e em termos absolutos. Assim sucedeu. O *team* reagiu esplendidamente. Como um grande *team*. Todo ele ao ataque, com ligação, energia e entusiasmo, dominando abertamente o adversário e a situação. Tão completamente que o grupo se instalou no campo do Estoril, com a linha média, especialmente o esquerdo, a «chutar» às rédes, quando caso disso, mais vulgar do que habitualmente. Evidentemente, esta reacção benfiquense poderia ter sido facilitada pelo pensamento do Estoril, de que mais lhe cumpria defender a bola *enfriada* do que conquistar outros *goals*. Mas ela não deixou de se manifestar, essa referida faculdade de recuperação benfiquense, e na sua expressão mais bela e emotiva.

O empate 1-1 verificou-se porque, como das outras vezes, o Benfica não teve felicidade no remate (tão sófregos estavam os avançados benfiquenses que chegaram a tirar a bola uns aos outros na hora da verdade, a do remate às rédes!) Isto — um pouco. Mas também porque o Estoril nunca se desorganizou na defesa, embora falando Eloi, mantendo-se o necessário ajustamento entre a linha média e a defensiva e tornando-se o guarda-rédes Valongo a grande figura do encontro.

O Vitória (Setúbal) aceitou o jogo do Sporting...

Produz certa confusão ver um *team* com outro *team*. Os olhos costumam acostumar-se e precisam de treino para descobrir os jogadores. Já vemos que tal exerce influência na partida. Talvez.

(Continua na página 14)

INICIATIVAS DA «STADIUM»

A publicação dos EMBLEMAS de todos os CLUBES

Como temos anunciado, Stadium começará dentro de algum tempo a publicar separatas com a reprodução a cores dos emblemas dos clubes desportivos de todo o país.

Como o seu número se eleva a mais de trezentos, a respectiva impressão só poderá iniciar-se quando se encontrem em nosso poder os desenhos de quasi a totalidade. Assim, como se tem verificado compreensivelmente demora na elaboração daqueles desenhos, resolvemos prorrogar o prazo para a sua recepção até 25 de Fevereiro.

Recomendando aos interessados que procurem adaptar-se ao novo prazo que concedemos, desejamos agradecer desde já aos inúmeros clubes que efectuaram a remessa de acôrdo com o nosso primeiro pedido.

Começa-se uma nova série de SEPARATAS

Entretanto, para atender outro género de pedidos vamos publicar em separata as fotografias dos mais populares jogadores de futebol. Apresentaremos já na próxima semana a primeira destas separatas, que reproduzirão os CAPITAIS DOS GRUPOS que disputam o Campeonato Nacional da IDIVISÃO.

Um aviso aos nossos agentes

Lembramos aos nossos agentes a conveniência de nos avisarem imediatamente no caso de desejarem receber maiores remessas dos números que incluem as separatas que acabamos de anunciar.



NO MUNDO DA BOLA



PELO "Jornalista DESCONHECIDO"

Há resposta para tudo...

SÓ OS GUARDA-RÊDES

Idéias próprias e alheias

poderão jogar dois encontros no mesmo dia

P. 25 — O sr. Salvador do Carmo, actualmente presidente do Conselho Técnico da Federação, é o do mesmo nome que foi árbitro? Que clube tem? (*Um aficionado, de Algés*).

Todo é, inteirinho.
É do Belenenses.

P. 26 — Em que data se realizou 1.º Lisboa-Madrid (militar). Qual o resultado e qual a nossa linha? (*J. Gomes, do Porto*).

O 1.º Lisboa-Madrid (militar) disputou-se em Madrid, a 12/6/1921. Perdemos por 4-1. A nossa linha era constituída por A. Canaquinho, Eduardo Azevedo e José Basto; Fernando Jesus, José António de Almeida e Henrique Gouveia; José Maria Gralha, José Carlos Delfim, Júlio Marques, Fernando António e Jorge Lobato.

P. 27 — Suponha V. que um jogador, ao marcar um livre próximo das rédes, manda a bola para dentro da sua baliza sem ninguém lhe ter tocado? Que se deve fazer? (*Um curioso, de Beja*).

Aplicar um canto.

P. 28 — Onde reside o guarda-rédes Azevedo? Em Lisboa ou no Barreiro? Em que se emprega o talentoso jogador? Porque é que o excelente defensor Manuel Marques, do Sporting, joga sempre de lençinho depuradado da cintura, — à laia de «cassetete»? (*Uma leoa... curiosa, de Lisboa*).

No Barreiro.

Na Comissão Reguladora dos Produtos Farmacêuticos.
É lá uma lésada...

P. 29 — A seguir a Azevedo, qual o melhor guarda-redes? Qual o melhor grupo do País? Qual o melhor extremo? (*Benfiquista Henrique Cruz, da Guarda*).

Marlins, em forma, ainda é o valor que se segue a Azevedo. Depois, há vários valendo o mesmo.

O melhor é sempre aquele que vence: actualmente é o Benfica que vai à cabeça.

Espirito Santo é o de maior classe. É preciso, no entanto, não esquecer alguns nomes: no Estoril, no Porto e no Olhanense. Há por onde escolher.

P. 30 — Destes, qual o melhor interior: Artur de Sousa ou Teixeira? Qual o melhor meio direito e interior direito? (*Um tripeiro*).

Artur de Sousa atingiu um nível muito superior ao de Teixeira

TEMOS tocado várias teclas nesta página. Assim, referimo-nos em tempo à horripilante disposição de, mediante o pagamento de uma multa, se poder alinhar um jogador duas vezes no mesmo dia, o que nos parecia atentatório dos princípios fundamentais que, educativamente, devem orientar o jogo da bola.

Jornalista desconhecido como os nossos, sabemos perfeitamente que os nossos pontos de vista não influem o que quer que seja no movimento da bola. Neste, como noutros capítulos, somos inteiramente diferentes daqueles jornalistas (?) que têm todo o desporto, especialmente aquele que nos interessa, o futebol, bem fechado nas mãos. Estamos convencidos, no entanto, que para alguma coisa serviu despertarmos a atenção de quem de direito, como se diz em tôdas as reclamações, para o assunto.

Na verdade, a Direcção Geral, tendo já proibido aos clubes alinhar no mesmo dia qualquer dos

seus associados em provas de modalidades diferentes, entendeu ser incoerente, dentro de idêntica doutrina, a disposição dos regulamentos federativos que autorizava, mediante o pagamento da multa, a participação de um jogador em dois jogos da mesma modalidade, disputados consecutivamente.

Em conformidade, a Direcção Geral proibiu rigorosamente, de amanhã em diante, que os jogadores de futebol tomem parte em dois encontros no mesmo dia, estabelecendo que o clube que proceder em contrário seja punido com falta de comparência no último encontro disputado pelo jogador repente.

Há uma excepção: a do guarda-rédes. Mas esta excepção justificava-se perfeitamente. O guarda-rédes, pela sua posição no terreno, embora com uma tarefa de grande responsabilidade, possivelmente a mais importante de tôdas, está sujeito a esforços físicos menos violentos do que os seus companheiros.

Campeonatos de juniores

NÃO há jogadores! Tema muito conhecido e debatido nos últimos tempos.

Logo se tratando de dar remédio ao caso, aplicando a terapêutica necessária. Pela nossa parte, também temos contribuído um pouco para a solução do problema, apresentando vários dos seus aspectos e propondo o que achamos razoável. Deste movimento de opinião resultou o grande interesse manifestado hoje pelas categorias inferiores, e mesmo pela de juniores. Era evidente que jogar tão pouco tempo como jogavam os homens das divisões secundárias não favorecia o seu aperfeiçoamento. A fórmula é a jogar que se aprende a jogar continua a ser verdadeira, e cada vez mais.

Tratemos, agora, de outro ponto que, não dizendo directamente respeito ao caso, com ele se prende. Tudo quanto seja pôr em actividade mais praticantes e multiplicar campeonatos (bem ordenados, é claro) representa um serviço ao Jôgo. Porque não se

dão as Associações Distritais à elaboração e organização de grandes campeonatos amadores, facultando a inscrição a todos os grupos e favorecendo a sua formação por meio de medidas de protecção e auxilio? Aqui, no vizinho país, cujo exemplo tantas vezes vamos buscar, assim se procede, e com o maior dos êxitos. Em Barcelona, o campeonato destinado exclusivamente a amadores é organizado pela mesma Federação que atende aos profissionais, e aos torneios ricos, que absorvem a atenção das grandes multidões. Recolheu a inscrição de mais de cem teams. Que magnífica nascente de jogadores!

Ao mesmo tempo que se deve proteger os clubes modestos, vivendo com tremendas dificuldades e à base do sacrifício económico dos seus associados, organizam-se campeonatos para amadores (outro qualquer nome também serve). Porque não parte da Federação ou da Associação de Lisboa, com a sua autoridade e o seu prestígio, a iniciativa que no ano passado veio do Clube Internacional de Futebol?

Os próprios clubes grandes deviam interessar-se por estes assuntos. Mesmo por estar averiguado que o nível dos profissionais sobe quando é grande a quantidade de amadores.

(calcula que se refira ao interior do Benfica). Todavia, neste momento, prefiro Teixeira.

Amaro.

O do Olhanense (mas não se zangue connosco...)

Em Espanha diversos desafios foram suspensos por causa da neve. Uma grande corrente de opinião é, no entanto, a favor dos encontros com qualquer tempo. Joga-se com chuva, água, lama e barro, porque não, com a neve?, diz-se. Alvitra-se que o campo seja marcado a encarnado, negro ou outra qualquer cor escura. Em Portugal, verdade seja, não há necessidade de pôr a questão.

Artur Freire, no Norte Desportivo, publicava outro dia um comentário lúcido a propósito de uma entrevista concedida pelo seleccionador do grupo representativo da Associação de Futebol do Porto.

O sr. Álvaro Costa, que ocupa o cargo, insurgiu-se contra o sistema usado pelas equipas nacionais, cujos reflexos apresentam tão grande expressão no jôgo desenvolvido pelo F. C. do Porto.

Artur Freire comentava: Havendo ainda dois meses para a selecção do Porto defrontar a de Vigo — porque é que o seleccionador não adopta, ensina e impõe o sistema tático que, em seu entender, deverá adoptar-se?...

Há jogadores cuja função anda ligada uma à outra. Não quer isto dizer que tal não suceda com todos os jogadores e tôdas as funções. O team é uma unidade, o conjunto de onze unidades. Todavia, pela influência que várias funções exercem sobre as outras, nós vêmo-las mais ligadas. É o caso das asas: o meia-ponta e o ponta; ou o extremo e o interior.

Que poderá fazer um extremo sem o serviço do interior? Evidentemente, se ele tiver classe não deixará de a revelar, porque basta um pormenor para isso. Mas a sua utilidade será muito menor do que tendo ao seu lado um jogador que o saiba auxiliar e o faça jogar. Por isso se afirma que são os interiores que fazem os extremos. Juízo certo, em certa medida.

UMA TRANSCRIÇÃO

de «El Mundo Desportivo»

El Mundo Desportivo, o conhecido diário catalão, transcreveu no seu número de 20 de janeiro passado os comentários que fizemos às célebres declarações do sr. Salvador do Carmo, e que devidamente esclarecemos passo a passo. É sempre grato a qualquer pessoa ver o seu trabalho apreciado. Mormente por um sector tão valioso como o jornalismo da Catalunha.

O que trazem os jogadores
fora do seu ambiente?

O «team» da Académica de Coimbra
é o que, menos se lembra...
da derrota...

CHEGADOS no rápido do sábado — os jogadores da briosa Associação Académica de Coimbra não se levantam cedo ao domingo... Mas não dormem até muito tarde. A mocidade irrequieta de alguns, que bastantes são, actualmente, dá que fazer; mas os mais antigos, como Faustino, Conceição, dr. Lemos e Mário Reis, por exemplo, conhecedores do «horário» destas visitas a Lisboa, não lhes deixam «espaço» para tagarelce ou para «saídas» que não hajam obtido autorização...

Cerca das 10 horas, porém, — tudo fora do quarto. Todos procuram os jornais. E o pequeno almoço... Depois d'ê-lo, aos grupos, um breve passeio pelos arredores do hotel, que para os estudantes costuma ter o Bragança, situado perto do cais do Sodré.

Uma revelação do dr. Eduardo de Lemos

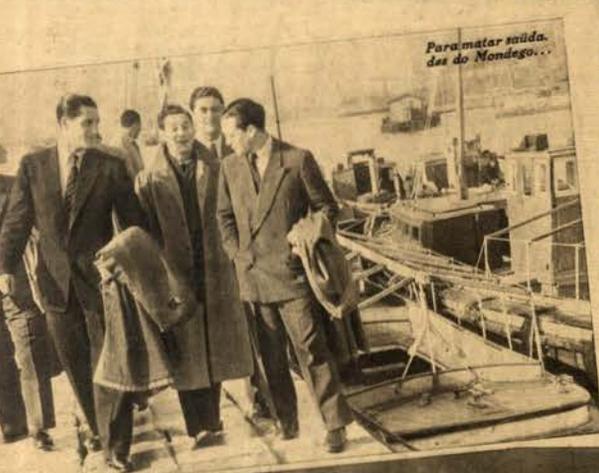
Havia um ex-estudante a cumprimentar: o dr. Eduardo de Lemos. Formado recentemente em medicina, o simpático e codicioso avançado da Académica, nesta sua viagem a Lisboa, viu-se e desejou-se para suportar todos os abraços que lhe dedicavam aqui e além... Mas a sua satisfação, ao fim e ao cabo, era visível.

Claro que os cumprimentos do jornalista também não podiam faltar. E da *Stadium*, evidentemente. Resposta do jóvem médico:

- Mas ficarei a ter saudades. De Coimbra nem se fala. E da minha camisola negra?
- Quere com isso dizer que vai abandonar a Académica?
- A Académica, meu amigo, nunca se abandona «a valer». Agora vou trabalhar na profissão de médico e escolhi Lisboa como centro da minha actividade. Devo entrar, por isso, para uma grande empresa, onde igualmente se pratica desporto. Mas serei só médico!

A dedicação de Nini

O «team» académico, «todo na rua», é sempre brincalhão. Sadio. Curioso. Saltam os seus jogadores do hotel até à estação do cais do Sodré, daqui até à beira do Tejo — para recordar certamente o Mondego nostálgico. Do seu espirito de camaradagem não é preciso falar. Os mais velhos estimam os mais novos — os «caloiros»; e estes procuram imitar, tanto quanto possível, os movimentos da «malta».



Para matar saudades do Mondego...

Quem parece o «comandante» da equipa é o Nini (Conceição). O excelente interior dos estudantes, actualmente no termo do seu curso, treina dedicadamente os júniores da Académica — e diz-nos que confia bastante no seu futuro.

- E os restantes grupos?
- São treinados pelo dr. Alberto Paulo. Não é preciso dizer mais. O dr. Paulo, antigo jogador, sabe o que quere — e nós também!

Depois do almoço — o café no Rossio

Os jogadores almoçaram cedo. Encontramo-los de novo no hotel, já preparados para sair. Um passeio, a pé, pelo Chiado — até ao Rossio; os estudantes, para quem variados motivos servem de entretenimento, não deixam de dirigir madrigais a todas as caras bonitas que encontram — mas a chávana de café, em ambiente colectivo, sabe-lhes também «pela vida».

E como todos, afinal, começam a pensar no jogo. Suplício maior para os elementos menos habituados à luta, embora a mística académica exclua tudo quanto represente dificuldade...

O dr. Eduardo Lemos, entretanto, conversa com Arnaldo Carneiro, antigo colega de equipa e agora no G. D. da «Cuf». E diz-lhe, em ar de confidência, que se jogava mais futebol nos seus tempos de colegial, em Santarém. Mas nem todas as opiniões são iguais — e a discussão generalizou-se.

Aqui — já o «team» da Académica não é igual a tantos outros. Os problemas mais complicados, com ou sem matemática, com ou sem tábua de logaritmos na sua frente, não ficam por esclarecer. Se um se revela orador — logo o outro demonstra as suas possibilidades como estatístico. E não faltam os filósofos...

Mesmo depois do jogo, e em caso de derrota, não perdem o seu bom humor. Assim aconteceu no penúltimo domingo, e assim acontecerá sempre, com certeza...

RODRIGUES TELES



No cais do Sodré, a caminho da betaria



Troca de impressões junto da cabine...

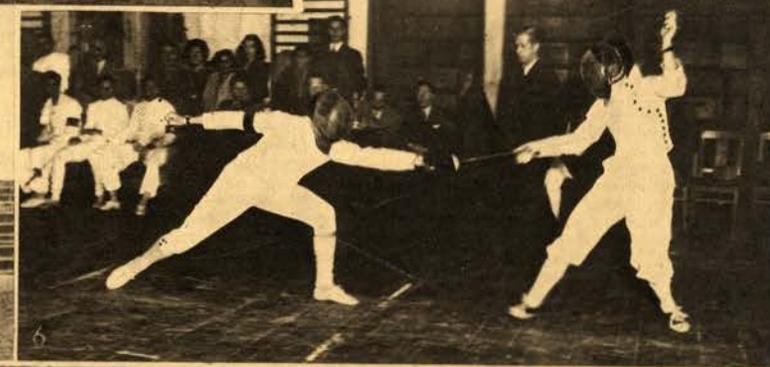




A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



No Sport União Sin-
trensê: 1 — O sr.
director geral de des-
portos e outras indi-
vidualidades após a
inauguração da nova
sede do popular club
de Sintira, effectuada
no domingo. O Curso
de Treinadores de
Atletismo: 2 — Os
novos treinadores de
atletismo, formado
através deste curso
promovido pela Di-
recção Geral de Des-
portos, ofereceram a
sr. tenente-coronel
Sacramento Monte-
iro e aos seus profes-
sores, dr. Salazar Car-
reira e Fernando Fer-
reira, um jantar de
homenagem. A nossa
gravura reproduz a
assistência ao ágape.
O Belenenses é cam-
peão de «basketball»
3 — A equipa de 1.ª
categorias; 4 — A de
segundas; 5 — A de
terceiras — que trium-
faram brilhantemente
no campeonato de
Lisboa da divisão de
honra. Abriu a época
de esgrima: 6 — Faz
de um assalto no tor-
neio de florete de 3.ª
categorias da F. P. E.
7 — Os nove finalista
do torneio, no qual
triumfou Ferreira de
Silva (x), da E. Exé-
cito



Chaves de todos os modelos

Perdoo-as? Partiram-se? Roubaram-lhas? — manda fazer outras na

CASA DAS CHAVES

de Amadeu Gomes da Fonseca

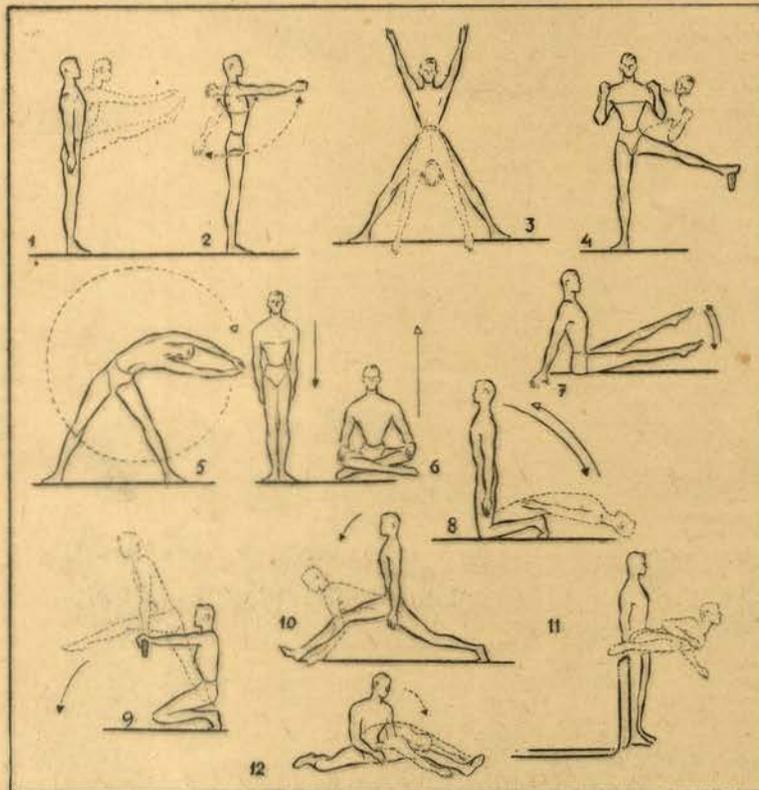
Uma dúzia de exercícios gimnásticos de preparação física...

V — ... para os corredores de barreiras

Aviso prévio: Não se trata aqui de esquemas de lições de ginástica, mas apenas de uma escolha de alguns entre os muitos exercícios que melhor correspondem às necessidades de preparação física especializada destes atletas.

Também não escrevi estas notas para professores; esses não precisam do meu conselho. Escrevi para os rapazes que trabalham sem assistência de técnico competente e por isso redigi o enunciado dos exercícios fora das regras da terminologia oficial, de maneira a ser compreendido por eles aquilo que pretendo explicar.

SALAZAR CARREIRA



1 — Saltitar alternadamente a pés juntos e com lançamento anterior e superior da perna esquerda ou direita em extensão.

Progressão: deliciar-se levantar cada vez mais alto a perna, até tocar com o joelho no ombro, sem flexão do tronco à frente.

2 — Sentido: elevação simultânea dos braços até extensão anterior; afastamento lateral; trazê-los novamente à frente e deixar cair, oscilando para baixo e para trás, começando sem intervalo; todo o exercício deve ser feito conservando os braços em completo relaxamento muscular.

3 — De pé: grande flexão do tronco à frente, alternadamente com os pés unidos, em grande afastamento lateral das pernas ou em afastamento antero-posterior.

Progressão: insistências.

4 — De pé, pé esquerdo em apoio elevado: flexões laterais do tronco à esquerda, deliciar-se tocar com o cotovelo na coxa; trocar a posição das pernas e repetir para a direita.

Progressão: insistências; tocar com o cotovelo cada vez mais longe.

5 — Pernas afastadas, braços estendidos acima da cabeça e dedos cruzados: circundação do tronco em ambos os sentidos.

6 — Em sentido: passar rapidamente à posição de sentado no solo, pernas cruzadas, e rapidamente também voltar à posição de sentido; as mãos nunca tocarão no solo.

7 — Sentado no solo, pernas levantadas a 45°, tronco apurado e ligeiro apoio sobre as pontas dos dedos: flexão alternada da perna.

Progressão: elevação alternada da perna estendida; afastamento lateral das pernas; dispensar o apoio sobre os dedos.

8 — De joelhos, mãos aos quadris; inclinar o tronco à rectaguarda até assentar as costas e a cabeça no solo; levantar o tronco até à posição vertical sobre os joelhos.

Progressão: os braços estendidos acima da cabeça.

9 — Com a trave à altura aproximada da barreira, em grande flexão de joelhos e mãos em apoio na trave; extensão das pernas e passagem da perna da frente por entre os braços e por cima da trave. Descer do lado oposto, passando a perna de trás, em afastamento lateral, como na passagem da barreira.

10 — Pernas em grande afastamento antero-posterior (perna da frente, adiante); grande inclinação do tronco à frente, estendendo ambos os braços a tocar com as mãos no pé.

Progressão: insistências.

11 — De pé, ao lado da barreira; executar a passagem da segunda perna, inclinando o corpo adiante mas evitando qualquer desvio lateral sobre a perna de apoio.

12 — Sentado no solo, em posição de passagem: grande flexão do tronco à frente, braços em extensão adiante; ou inclinação do tronco à frente, tocando no pé com a mão oposta; ou inclinação lateral do tronco, tocando com o cotovelo na coxa da rectaguarda.

Aviominiatura e vôo à vela

Desportos modernos, que tendem a desenvolver-se em Portugal

DEVEM estar de parabens os aviominiaturas portugueses, porque tudo indica ter-se encontrado o bom caminho para o desenvolvimento da aviominiatura—a nova modalidade desportiva que tanto interesse despertou em todo o mundo e que em Portugal conta inúmeros adeptos.

É certo que temos vivido em certa apatia, apenas cortada pelo entusiasmo de alguns que teimosamente insistem pelo desenvolvimento da aviominiatura no nosso país, não se pondo a esforços para evitar que feneça a ideia inicial.

Da sua teimosia tudo se teve a lucrar. A aviominiatura, pouco a pouco, foi interessando a mocidade, que passou a dedicar-lhe a sua atenção e a receber com carinho as palavras de incitamento e propaganda que a Imprensa lhes levou.

O número de adeptos foi subindo e a juntar aos grupos já constituídos apareceram alguns outros, dispostos a dedicarem-se à prática do novo desporto, que lá fora ocupa já hoje lugar de grande relêvo.

Quando tomou posse do cargo de director do Secretariado da Aeronautica Civil, o tenente coronel Humberto Delgado disse que o melhor processo de propaganda na mocidade era ainda a construção de modelos reduzidos, melhor método do que o usado até agora.

Essa certeza tornou-se já realidade com a nomeação do professor Domingos Ribeiro para a secção de aviominiatura do Secretariado da Aeronautica Civil.

Domingos Ribeiro, que há largos anos exerce acção brilhante entre os aviominiaturistas portugueses e que tem demonstrado excelentes qualidades na longa prática deste desporto, tem os «brevets» de piloto de turismo e de vôo à vela, este último obtido na escola de Huesca, em 1943.

A aviominiatura deve-lhe já muito, quer organizando nucleos e exposições, quer colaborando na «Revista do Ar», com artigos técnicos e de propaganda. Como praticante, o professor Domingos Ribeiro alcançou inúmeros prémios e é ainda o detentor do «record» estabelecido na Ericeira, com um modelo que concebeu e construiu e que voou cerca de 15 quilómetros.

Julgamos que a sua escolha para dirigir a secção de aviominiatura do Secretariado é já uma garantia de êxito.

Outro factor que nos leva a acreditar num rápido impulso é o facto da «Mocidade Portuguesa» ter instituído um Campeonato Nacional, para ser disputado este ano entre os seus Centros de Instrução Geral.

Para este Campeonato, que desperta justificado interesse, o único tipo de aviominiatura admitido é o parador «P I», com peso não inferior a 165 gramas e que deve ser construído nos diversos Centros.

Haverá concursos de vôo, organizados pelos directores e comandantes, para apuramento dos representantes no Campeonato das «Alas».

São três as modalidades das provas: inter-filiados dos Centros de Instrução Geral, inter-Centros e inter-Alas, as primeiras a realizar de 17 a 31 de Março, as segundas de 1 a 15 de Abril e as últimas de 21 a 29 do mesmo mês.

Quanto ao vôo à vela, também se nos afigura fácil o seu desenvolvimento. Para o dirigir e encaminhar o Secretariado escolheu outro técnico—o piloto civil Simão Aranha, que frequentou a Escola de Grunau até ao início das hostilidades e que se especializou, em 1943, em Huesca, na prática do vôo à vela. Desempenhou várias vezes o cargo de instrutor de pilotagem das escolas civis e da «Mocidade Portuguesa».

Da sua actividade também muito se pode esperar, pelo que se antevê rápido desenvolvimento do vôo sem motor, modalidade que em Portugal está longe de ter alcançado o lugar que lhe cabe entre os desportos modernos.

ANTAS TEIXEIRA

Um grande jogo internacional

O Sporting de Portugal
defronta hoje
o Atlético Aviação

O Sporting Clube de Portugal foi a Madrid, em Outubro último, a convite do Atlético Aviação, para um desafio de beneficência, a favor dos orfãos da aviação na guerra civil daquele país. Realizou-se o encontro no Estádio Metropolitano, que é dos melhores campos espanhóis de futebol, no dia 12 do citado mês. Revestiu-se esse desafio de grande expectativa. E o Sporting foi batido, pelo famoso «onze madrilenho, por 3-1. A condução do jogo variou, todavia, nas duas partes: na primeira dominaram os jogadores espanhóis; os «leões» lisboenses conseguiram, porém, comandar no segundo tempo. A facilidade do remate pesou, no entanto, a favor do Atlético Aviação.

Pelo Sporting, alinharam: João Azevedo, Cardoso e Manuel Marques; Canário, Barrosa e Veríssimo; Jesus Correia, João Cruz, Peyroteo, António Marques e Albano. Houve, portanto, suplentes na equipa lisboeta. O Atlético Aviação pôs em campo o seu grupo normal: Ederra; Riera e Aparício; Gabilondo, German e Machin; Adrover, Martín, Taltavult, Campos e Vasquez.

O desafio de hoje, marcado para o Estádio do Lumiar, tem, pois, aspectos de réplica ao encontro de Madrid. Os «leões», com uma equipa mais homogênea, vão ter agora ocasião de tentar um resultado mais justo.

O «onze» do Atlético Aviação tem fama conquistada dentro e fora do seu país. É dos clubes mais antigos, em Madrid, embora o título de Aviação seja recente. E conta com uma das melhores equipas espanholas de futebol. É seu treinador Ricardo Zamora, o guarda-redes espanhol de maior relêvo internacional, na sua época, em anos sucessivos. Foi um ídolo, mesmo em Portugal. Sob a direcção de Zamora, o Atlético Aviação tem-se imposto pela apurada técnica dos seus jogadores efectivos e reservas. Foi campeão da Liga e de Espanha, em vários anos. E houve um ano em que triunfou nas duas provas mais importantes — o campeonato e na taça do Generalíssimo.

Nas duas últimas temporadas não conseguiu o Atlético Aviação classificação correspondente a um valor indiscutível. Em 1943 começou com infelicidade: a fazer boas exhibições mas sem a necessária tradução em pontos. Este ano tem sido irregular, fazendo por vezes um jogo de grande nível técnico e notável eficiência, e parecendo pouco entusiasmado noutras oportunidades. Uma coisa é, porém, certa: o valor global de equipa, do melhor que existe em Espanha.

Demos já a constituição de equipa que jogou, em Outubro, contra o Sporting Clube de Portugal, no Estádio metropolitano. Aos jogadores que então alinharam devemos acrescentar um nome: Juncosa, que alterna com Taltavult, a avançado-centro. Este lugar tem sido um dos pontos fracos do «onze». Depois da saída de Pruden, que esteve em Lisboa há anos, não encontrou ainda quem dê rendimento apreciável no eixo da linha de ataque. Taltavult e Juncosa satisfazem, de modo geral.

Entre os jogadores que se devem apresentar em Lisboa merece destaque, até pelo seu valor internacional, o interior esquerdo, Campos, notável jogador canário. Recordamos de um número recente da «Marca» a seguinte opinião acerca de Campos: «De bem pouco terreno necessita Campos para nos ensinar que o segredo do jogo não está nem na distância, nem na corrida. Campos, como Manólete no toureiro, é o melhor discípulo de Séneca, repousado, sem pressas, muito abertos os olhos, para que a bola, no passe, no remate ou na mudança de jogo, chegue aonde ele pensou que devia chegar». E ainda outra opinião: «No terreno de jogo, este grande futebolista borda um futebol que é único». E um portento, com a bola.

Outros internacionais alinham pelo Atlético Aviação e alguns deles jogaram já entre nós — o dr. Gabilondo, German, Vasquez, etc. Ederra

ESTÁ CONSTITUIDA A FEDERAÇÃO DE LUTA

VASCO RIBEIRO, seu presidente confia à «Stadium» as primeiras impressões

TEMOS sobre a nossa mesa de trabalho algumas cartas de incitamento e aplauso ao artigo «Lutemos pela Luta» publicado no último número. Vários adeptos e antigos praticantes da modalidade igualmente se nos dirigiram corroborando as nossas afirmações e animando-nos, com as suas palavras amigas, a prosseguir na campanha que nos propuzemos desenvolver em prol da greco-romana. As frases consoladoras que chegaram até nós, indicando-nos que trilhamos caminho certo, apenas as tomaremos como incentivo para fazer mais e melhor.

Tal como havíamos prometido aos nossos leitores, depõe hoje nas colunas da *Stadium* o presidente da Federação Portuguesa de Luta — a semana passada investido no exercício das suas funções. Vasco Ribeiro, amigo que muito prezamos, é um dirigente em constante actividade e figura por demais conhecida e respeitada no meio desportivo.

Temos uma Federação!

O primeiro passo para que a bela modalidade da luta greco-romana volte a ocupar no panorama desportivo português o lugar a que legitimamente tem jus — está dado. Ao cabo de porfiados esforços, constituiu-se a Federação. E, embora fugindo um pouco às nossas características, damos a seguir a constituição completa do referido organismo, uma vez que a damos em primeira mão. É a seguinte:

Assembleia geral: Dr. Cesar de Melo, João Freire e António Montez.

Conselho Fiscal: José Hermenegildo Correia, Guilherme Simões e Hermes Correia.

Direcção: Vasco Ribeiro, Domingos Lança Moreira, Guilherme Figueiredo, Augusto Costa, Raul Feio, José António Marques e José Lopes Ramalho.

Conselho técnico: António Pereira, Pedro Del Negro, José de Azevedo, Guilherme Salgado, Franklin Pereira, Hermenegildo Lima, Alberto Carvalho, Madeira Tavares e Luiz Pons.

Estamos dispostos a trabalhar...

Vasco Ribeiro, com a gentileza que sempre lhe conhecemos, recebeu-nos, como não podia deixar de ser, no gabinete da direcção do «seu» Ateneu Comercial.

Numa das paredes, a bela colecção de troféus conquistada pela prestigiosa agremiação em anos sucessivos de labor pela causa. Entre eles, várias taças ganhas em torneios de luta, a mais antiga das quais tem a data de 1914/15. Bons tempos...

E anotamos a primeira afirmação:

— A direcção da F. P. L., recentemente eleita e a que gostosamente presido, está disposta a trabalhar sem desfalecimento, absolu-

é um excelente guarda-redes. Riera e Aparício formam uma barreira difícil de transpor. A linha média tem três jogadores que são magníficos ao ataque. E a linha avançada tem em Campos, jogador de classe extraordinária, o melhor «comandante». Martín é um bom interior e não prejudica o conjunto. Taltavult e Juncosa são avançados-centros de estilo diferente. A «casa» formada por Campos e Vasquez, quando o extremo-esquerdo está em forma, faz jogo vistoso — e desconcertante. Adrover é outro extremo de grande qualidade, em corrida e remate.

Por tudo isto, é de prever que o desafio de hoje mereça o grande favor do público. São poucas as equipas estrangeiras que vêm até nós, de há anos para cá. E o Atlético Aviação vem precedido de uma fama que justifica a expectativa de um belo desafio — em técnica e entusiasmo. É do melhor que há em Espanha.

E tem sido de uma gentileza a que é dever nosso corresponder em campo.

tamente cónscia da espinhosa missão que tem a desempenhar; mas, por isso mesmo, disposta a envidar todos os esforços em favor da modalidade — que é uma «velha» paixão de quasi todos nós. E continuando:

— Felizmente sinto-me bem acompanhado. Os nomes dos meus colegas de direcção são por si só uma garantia. Antigos lutadores, alguns; dirigentes de nome firmado, outros; todos, porém, de absoluta integridade e dispostos a dar a sua quota-parte de trabalho e dedicação em benefício da luta.

O dr. César de Melo, o Lança Moreira — que tanto tem agitado a modalidade, o «olímpico» António Pereira. Numa palavra — todos.

Primeiramente é preciso que os clubes trabalhem

Não temos necessidade de interromper o nosso amável interlocutor. Vasco Ribeiro, naturalmente, sem esforço, vai expondo o seu pensamento:

— Antes de mais nada é preciso que os clubes trabalhem! Sem isso — nada será possível fazer. Sei que no Lisboa Gimnásio se está a desenvolver obra útil. Espero, sinceramente, que no Gimnásio Clube o panorama se modifique e que a luta acabe por ocupar, dentro da «velha» agremiação, a posição que já teve...

No Sport Intendente e no Desportivo dos Tabacos — os dois mais jovens filiados — há indiscutíveis boas-vontades.

Vasco Ribeiro omitira, por certo de propósito, o valioso clube de que é tão dedicado presidente. Por isso, inquirimos:

— E no Ateneu?

A resposta vem pronta, acompanhada de um sorriso, misto de ironia e de satisfação:

— Temos em actividade um núcleo de cinquenta lutadores, a trabalhar sob as vistas de mestre António Pereira. Aliás, a luta no Ateneu nunca deixou de existir. Temos bons elementos e, sobretudo, muita matéria prima! Não tem aparecido nas competições pela razão simples de que não os tem havido...

Provas a organizar

Competições de luta. Uma frase que já passou à história... Aproveitamos a deixa e perguntamos:

— A Federação, claro, organizará torneios...

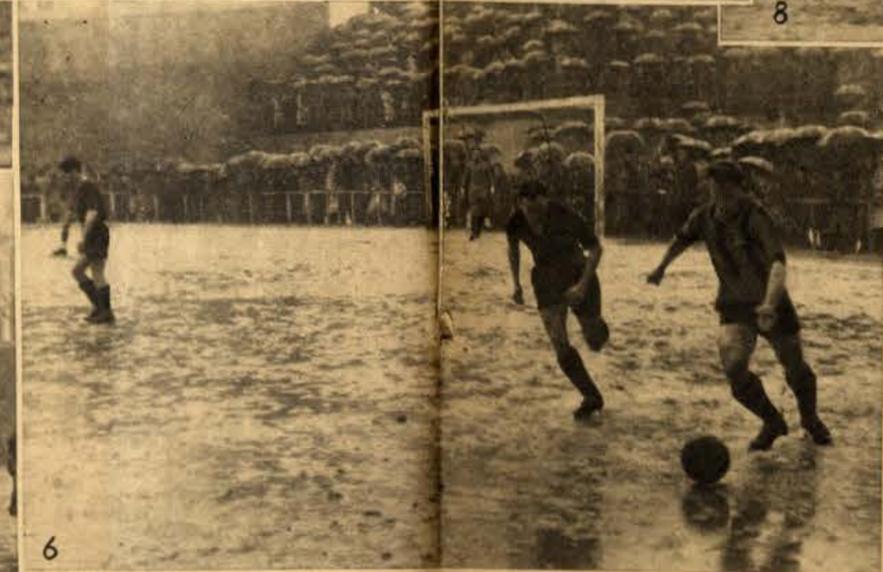
— Absolutamente. Por ora, nada de concreto lhe posso dizer. O programa, no entanto, deverá ser pouco mais ou menos este: antes de mais nada, distribuiremos os prémios em atraso. Depois, faremos disputar os campeonatos oficiais de luta, a «Prova por equipas», organização do Ateneu Comercial, dotada com três taças, e oficiaremos aos clubes no sentido de que estes façam os seus torneios inter-sócios, sempre úteis e proporcionando, muitas vezes, a revelação de novos valores. É natural que organizemos, também, uma prova reservada apenas a lutadores novos, que nunca tenham entrado em competições. Isto, claro está, além das provas que, pelo tempo adiante, a experiência vá aconselhando.

E a terminar:

— Uma coisa, no entanto, lhe afirmo perentoriamente: a de que os homens que tomaram o compromisso de dirigir a luta, arrancando-a ao marasmo confrangido em que se encontra, estão dispostos a trabalhar com seriedade, a realizar obra útil, séria e honesta. Vimos dispostos a lutar — pela luta!...

O nosso amigo Vasco Ribeiro concluiu o seu pensamento. Nada mais perguntámos, portanto. E retirámo-nos satisfeitos.

Com "surpresas,"
começou a
fase mais
difícil
do
Campeonato...



NO ESTORIL: O Benfica empata! Valongo, que teve uma tarde admirável, não foi feliz desta vez; 2—Os «encarnados» procuram «furar» pela defesa estorilense — e pelo negroiro...; 3—Um remate de Telxeira que Pereira não pôde evitar; 4—Valongo capta a bola enquanto Alberto procura impedir a acção de Telxeira. EM COIMBRA: 5—O aspecto diz-nos tratar-se de futebol — mas pela ser também algo de «water-polo»...; 6—Enquanto se luta pela bola ao longe um académico procura escorrer a água que o encharca! NO LEMIAI: 7—Peyroteo remata no seu estilo o 3.º «goal» do Sporting; 8—A defesa «leonina» opõe-se com êxito a um ataque conduzido por Passos Rodrigues; 9—Idalécio não segurou o esférico — mas desviou ainda para «canto» o remate de Peyroteo; 10—Idalécio defende o gólo apesar da carga de Albano.

ESGRIMA

COMEÇOU A ÉPOCA DE 1945

A vitória de Ferreira de Silva, da E. E., no torneio de terças categorias de florête — Uma prova caracterizada pelo aparecimento de esgrimistas hábeis, mas mal preparados

A esgrima retomou o fio da sua actividade com a disputa do torneio de terças categorias de florête, efectuado no Ginmásio Clube Português sob a égide da Federação de Esgrima. Inscreveram-se representantes da «Mocidade» (5), Escola do Exército e Ginmásio Clube (4 cada), I. S. Técnico (3) e Lisboa Ginmásio (2).

Pode dizer-se que a maior parte dos concorrentes se mostrou mal preparada. A actividade das nossas salas de armas difere hoje muito, com forte prejuizo das possibilidades práticas de representação, da que se exercia há anos: não se verifica do lado dos alunos, regra geral, o mesmo espírito de assiduidade que existia noutros tempos e proporcionava aos mestres trabalho seguro, de orientação definida, permitindo-lhes fazer inscrever nos torneios deste género, essencialmente destinados aos novos, aqueles dos seus discípulos cujas possibilidades técnicas eram progressivamente apuradas. Isto significava autentica pré-selecção, possível porque o discípulo mantinha intacto o seu entusiasmo quando o mestre, ao cabo de um ano ininterrupto de trabalho, lhe dava a esperança de permitir a sua entrada em competições da temporada seguinte.

Hoje — evolução dos tempos... — os praticantes submetem-se menos resignadamente a estas judiciosas indicações e não cuidam de aproveitar com acerto os meses que decorrem entre a reabertura das classes e os primeiros torneios da época. Por isso, salvo raras excepções, quasi sempre verificadas em casos de intuição nata para o jogo das armas, podemos comprovar que a qualidade da esgrima de florête continua em declínio entre nós. Lamentamo-lo.

Das cinco salas que enviaram atiradores a este torneio devem salientar-se a «Mocidade» e a Escola do Exército. Da primeira, que continua com perseverança o seu excelente trabalho pela esgrima nacional, merece citação o jovem Jorge de Figueiredo. Quanto à segunda, com um grupo de características muito aproximadas, não pode exigir-se-lhe mais. Fez-se representar por esgrimistas que, como todos os que possui, se limitavam a cultivar o sabre, pelo que se exibiram em florête com escasso tempo de preparação, embora com bases de aceitável esgrima. Já é muito de louvar o concurso prestado. Distinguiu-se Jorge Matias. De todos falaremos ainda.

Os florélistas das outras salas, alguns de incontestável intuição, mostraram treino muito deficiente. Não é com escasso número de lições que se pode desenvolver boa esgrima — e muito menos quando a bagagem técnica é superficial.

Há, porém, um pormenor que desejamos sublinhar — e fazemo-lo com a maior satisfação: o excelente espírito desportivo de todos os concorrentes.

A final forneceu inicialmente o resultado seguinte: 1.^o — ex-aequo — Rocha Pinto, Jorge Matias e Ferreira da Silva, da E. E., dr. António Coito, do L. G. C., e Jorge de Figueiredo, da M. P., com 5 vitórias e 3 derrotas; 6.^o — dr. Felisberto Coito, do L. G. C., 4-4, 28 toques recebidos; 7.^o — A. Supico, do I. S. T., 4-4, 29 t. r.; 8.^o — S. Mascolo, do G. C. P., 3-5; 9.^o — M. Botton, também do G. C. P., 0-8.

Dentro dos preceitos regulamentares, houve que desfazer o empate para o 1.^o lugar numa nova «poule», que deu a vitória a Ferreira da Silva (4-0), seguido de Jorge Matias (3-1), dr. António Coito (2-2), Rocha Pinto (1-3) e Jorge de Figueiredo (0-4).

Não nos inclinamos para a vitória de Ferreira da Silva, pois consideramos Jorge Matias mais forte — mais esgrimista. O primeiro está muito aceitavelmente na guarda, é rápido a atacar e responde com frequência, mas Jorge

Matias, com as mesmas qualidades, possui melhor temperamento, maior combatividade e «finesse» mais apurada, suprimindo em velocidade a falta de «alongs». É um atirador a cultivar.

O dr. António Coito mostrou-se mais eficiente que seu irmão. Trata-se de atiradores com características também sensivelmente iguais e da mesma forma dotados de condições merecedoras de aproveitamento. Bom físico e... muito reduzida preparação... O Lisboa Ginmásio não mostrou ainda estar disposto a reatar as suas belas tradições neste desporto, firmadas há uma dezena de anos atrás.

Rocha Pinto mostrou-se o menos regular dos três finalistas da E. E., especialmente no pormenor da técnica, mas seguiu-os de perto em utilidade.

Jorge de Figueiredo pode ser um esgrimista de excelente futuro. O tempo o confirmará. A optimas condições físicas e magnífica intuição, junta-se a «fibras» peculiares aos atiradores de garra. Muito novo ainda e naturalmente com o que podemos chamar a «ingenuidade da inexperiência», que transpareceu aliás na maioria dos assaltos, deixou impressão justificadamente boa.

A. Supico ganhou bem a eliminatória que disputou, infiltrando a ponta com a-propósito,

mas não nos agradou na final. Necessita de corrigir a guarda — mas sobretudo a maneira de cair a-fundo. S. Mascolo e M. Botton, ambos rápidos, acusam a deficiência do primeiro ensino que lhes foi ministrado, pois estão evitados de defeitos técnicos. Mascolo tem má posição de braço e Botton está mal na guarda e com a ponta exageradamente alta. Contudo, qualquer destes dois atiradores, com as qualidades que demonstraram, pode alcançar forma muito mais apurada.

Foram excluídos das eliminatórias:

Da «Mocidade»: Castelo Branco, que se mostrou como que apático, mas intuitivo; Domingos Romão, que podia ter-se classificado melhor se corrigisse certos exageros e procurasse colocar-se devidamente na guarda; Manuel Igrejas, outro novo também hábil; e Antero Martins — que estaria na final com merecimento, pois é correcto e mostra possuir intuição.

Do Ginmásio Clube: José Rei, cuja estreia no florête não deixou motivos de agrado — o que não significa que deixe de preparar-se com diligência; e A. Salvador, que começou mal, melhorou depois e acabou por ser eliminado com naturalidade.

Do I. S. Técnico: Machado Gomes, um principiante a aproveitar — e a corrigir; e Costa Santos, que se mostrou mais desenvolvido mas não parece haver progredido muito em relação à última vez em que o vimos na prancha.

Mário Delgado, da E. E., que não chegou à final porque se «perdeu» na «barrage» verificada na segunda eliminatória, não destoou também do conjunto apresentado pela sua sala de armas.

Em suma: este torneio de terças categorias de florête caracterizou-se pelo aparecimento de número bom de novos hábeis — mas com preparação deficiente na maioria.

DA VIDA DESPORTIVA

DUAS NOTAS POR SEMANA

NO ESTRANGEIRO

EM PORTUGAL

SOUBE-SE por um laconico telegrama que era esperado muito em breve nos Estados Unidos o famoso corredor sueco Gunder Hagg, que pela segunda vez atravessa o Atlântico para pôr em acção os seus «talentos» pedestres contra os melhores especialistas americanos.

Por curioso contraste, a mesma informação anunciava que Gil Dodds, campeão da América e detentor actual do «record» nacional da milha, com 4 m. 6 s., ia abandonar a prática do atletismo para se consagrar em exclusivo ao complemento dos seus estudos de leologia.

O fenómeno sueco fica assim privado de deffrontar o seu mais perigoso adversário, salvo se a desistência de Dodds só se verificar depois da visita de Hagg, o que também é hipótese possível.

Nestes últimos anos de guerra, desde 1941, a Suécia tem sido a nação mais em evidência no mundo atlético, com as proezas quasi in-críveis deste extraordinário Gunder Hagg e de seu grande rival Arne Anderson.

Na temporada de 1944 ambos andaram aos empurrões aos mínimos mundiais, levando-os a limites considerados impossíveis: três vezes se deffrontaram, vencendo duas vezes Anderson e uma vez Hagg, cada um deles conquistando seu «record» mundial, com a circunstância curiosa de haver o vencido ultrapassado também a antiga marca.

Nos 1500 metros, Hagg conseguiu 3 m. 43 s., e na milha, Anderson foi creditado no tempo fantástico de 4 m. 1,6 s.!

Algumas semanas depois, já no decair da temporada, Gunder alcançou novo «record» nas duas milhas, que equivalem a 3218 metros, com 8 m. 46,6 s., numeros que ao nosso espirito nada dizem mas se tornam muito mais expressivos com o esclarecimento de que o seu tempo de passagem aos três quilómetros foi apenas de 8 m. 0,8 s.

Tal é o homem que a América vai admirar.

EM comunicado da Federação Portuguesa de Futebol foi tornado publico que a Direcção Geral de Desportos proibiu aos jogadores tomar parte em dois jogos no mesmo dia. Esta medida, que é de ordem geral e extensiva a todas as modalidades, merece o maior aplauso, pelo seu significado de coerência com outras determinações doutrinárias anteriores.

Já há bastante tempo fora decretada a impossibilidade para qualquer desportista de tomar parte, na mesma jornada, em jogos de modalidades diferentes; mas quando se tratava da mesma modalidade, fosse futebol ou «handball», ou qualquer outra, a falta redimía-se com dinheiro, como se o prejuizo de ordem física não fosse idêntico ou pior para o praticante.

Ficam agora equiparadas as situações — e tanto melhor que assim seja; não voltaremos a ver os jogadores de segunda categoria taparem os «buracos» dos que inesperadamente saltam na categoria superior.

A propósito de tão importante determinação, ocorre apontar outra anomalia, na aparência menos grave mas na realidade de consequências condenáveis.

Estão em disputa simultânea os campeonatos de futebol da «Mocidade Portuguesa» e da Associação de Lisboa, de organização perfeitamente independente: o primeiro ocupa os sábados, o segundo os domingos.

Sucede que muitos rapazes participam em ambas as provas, jogando assim num dia pela sua escola, ou pelo seu Centro, e no dia imediato pelo seu clube. Não será esforço demasiado?

Dizem-nos que o problema está sendo superiormente estudado, por forma a chegar-se ao entendimento necessário para impedir tais acumulações e forçar os rapazes a escolher entre a «Mocidade» ou o clube.

É muito arriscado correr ao mesmo tempo duas lrebes; acaba-se por deixar fugir ambas...

A assistência aos jogadores vítimas de acidentes

Um acontecimento raro e outro inédito

A assistência material aos pugilistas doentes e estropiados, vítimas infelizes do desporto do boxe, é um dos muitos problemas que devem ser ponderados e resolvidos de modo satisfatório pelo organismo que superintenda na modalidade.

Sem profundar o assunto e apenas segundo uma rápida análise do mesmo, parece-nos possível a criação de uma Caixa de Previdência, de que todos os profissionais seriam obrigatoriamente sócios e para a qual concorreriam com determinada importância mensal. Além de outras receitas a criar, julgamos viável a realização de um espectáculo todos os anos e cujo produto pecuniário, integral, se destinasse ao fundo de assistência.

Poucos países têm encarado a questão com a grandeza de ânimo necessária e indispensável. Nos Estados Unidos, embora ainda em poucas regiões, encontram-se funcionando já alguns organismos de amparo aos pugilistas e que lhes prestam auxílio, quer internando-os em hospitais e sanatórios, quer subvencionando-os durante os períodos de tratamento, quer proporcionando-lhes assistência médica gratuita, quer, ainda, empregando-os em estabelecimentos industriais ou comerciais quando devam abandonar a profissão por desastre ocorrido no ring.

A «Liga para o Bem-estar dos Lutadores e dos Pugilistas Californianos» é dos tais organismos, espécie de sindicato dos jogadores da famosa costa oriental dos Estados Unidos. Publicou há pouco tempo o seu último boletim financeiro anual, referido a 1943, e achamo-lo interessante e apreciável a ponto de transcrevermos alguns dados estatísticos que nele se contém.

Assim, verifica-se que houve 110 sócios acidentalmente ofendidos na sua integridade física, os quais recorreram à Liga que, por sua vez, despendeu 3.037 dólares no auxílio

aos filiados. Como o número total é de 139 associados — reduzidíssimo para tão importante estado americano — verifica-se que 79 por cento dos mesmos precisaram conserto, o que dá uma ideia assaz perfeita do «carinho» e do «calor» das competições.

Os mais importantes acidentes foram: Lutadores — 5 casos de dentes quebrados; 2 de vértebras ofendidas; 4 de pescoços torcidos; e 1 de ferimento infectado. Pugilistas: 13 casos de narizes fracturados; 17 de mãos quebradas; 3 de maxilares partidos; 2 de retinas descoladas; e 1 de morte (despesas do funeral).

Resta-nos mencionar que a quotização é de 1 dólar mensal e que todos os serviços de secretaria e gerência da Liga estão a cargo dos associados, sem qualquer remuneração. O principal rendimento consiste no pagamento de uma taxa fixa de 2%, aplicada nas «bolsas» recebidas pelos seus membros.

*

O acontecimento que vamos relatar sucede raras vezes e, por isso, vale a pena mencioná-lo.

Em meados do ano findo, cerca de 3.500 espectadores que assistiam, no Victory Clube de Milwaukee, ao encontro entre Fritzie Zivic, ex-campeão mundial dos meio-médios, e Johnny Roszina, pugilista da região, presenciaram a queda do seu patrio após decorridos 2 minutos e 45 segundos do primeiro assalto

A decepção por tão brusco resultado foi enorme e o secretário da Wisconsin Boxing Commission, o sr. Fred Saddy, resolveu fazer um pedido excepcional: o de Zivic voltar a combater o mesmo adversário a seguir, logo que as condições físicas lho permitissem, afim de que a assistência não lamentasse a perda do seu dinheiro. Zivic condescendeu e Roszina, durante o 8.º assalto da repetição, era abatido por K-O pela segunda vez.

Não podemos, por forma alguma, concordar com o processo de recompensar os espectadores que se adoptou naquela noite no Victory Club de Milwaukee. Admitimos, porém, que Zivic combatesse com outro qualquer adversário arranjado na ocasião. Com o mesmo, o que alem de anti-desportivo é contrário aos princípios que pretendem garantir a integridade física dos boxeadores, jamais consentiríamos, ainda que só houvessem decorrido — como neste exemplo — escassos minutos de combate.

A imprensa dos Estados Unidos foi a primeira a registar o maior espanto pela acontecimento e a mostrar-se indignada.

E tinha motivos de sobejo.

*

Outro incidente curioso ocorreu durante a pesagem de dois pugilistas negros: Beau Jack, reconhecido pelo Estado de Nova York como campeão dos «leves», e Bob Montgomery, pretendente ao título.

O contrato estipulava que a pesagem devia efectuar-se no Manhattan Madison Square Garden e que nenhum dos dois jogadores podia pesar além de 135 libras. Bob reduziu as bebidas e as comidas ao mínimo e no próprio dia jejuou. Ao subir para a plataforma da balança verificou-se, porém, que tinha ainda peso a mais: uma fracção insignificante e inferior à menor divisão da escala do braço da mesma balança, portanto indeterminável.

O manager de Beau Jack aproveitou-se do facto e recusou-se a deixar combater o seu homem, a menos que não estivesse em jogo o precioso título. Esta circunstância, além de retirar ao encontro o seu sabor desportivo e espectacular, não convinha de nenhum modo a Bob Montgomery. Apelo-se, então, para o concurso de um funcionário do Departamento Estadual de Pésos e Medidas, afim de julgar o litígio. O seu veredicto foi claro e breve: o desnível insignificante entre o braço e o travessão da balança devia atribuir-se à variação de pressão atmosférica dentro da sala da pesagem, consequência do número elevado de pessoas que estavam presentes...

Nem com tais razões se comoveu o astuto manager de Beau Jack. O combate não seria para a disputa do título. Foi então que se produziu o golpe de teatro final. Montgomery

(Continua na página 15)

Ainda o TORNEIO DE MESTRES DE 1944

Como decorreram os jogos do primeiro terço da prova

NO prosseguimento da apreciação ao Torneio de Mestres, iniciamos o relato e comentários técnicos das partidas disputadas, pretendendo dar a esta resenha uma ideia quanto possível clara do que foram essas grandes lutas do tabuleiro.

Primeira sessão

0 - Dr. P. Braumann — dr. M. Machado - 1. Abertura Nimzowitch. Depois de ligeiras escaramuças no centro, e com a posição aparentemente empatativa, as brancas excedem o limite do tempo regulamentar no 34.º lance.

1 - J. M. Ribeiro — C. Pires - 0. P. R. - Def. Siciliana - Var. Draconiana — O impetuoso ataque branco, à «baioneta», na ala do Rei, destrói o sistema defensivo das pretas e ameaça inoxidavelmente a pregação da Dama, após a inútil fuga do monarca negro. Este é derrubado no 28.º lance.

1/2 - F. Lupi — R. Nascimento - 1/2. Abertura Catalã — def. Oeste Indiana — Numa evolução interessante, as brancas perdem a Dama por Torre e Cavalos, mas o forte ataque, logo empreendido, garantiu-lhes o empate. Acórodo no 37.º lance.

0 - L. Pias — dr. G. Ribeiro - 1. G. D. - Def. Eslova - Var. Schlechter — As pretas, tendo evidenciado elevada concepção posicional em toda a partida, concluíram brilhantemente com elegante combinação. Abandonam as brancas no 28.º lance.

0 - J. Moura — G. Russel - 1. O. R. - Defesa Caro-Kann - Var. Panoff — As brancas, após a perda infeliz da qualidade, lançam-se abertamente ao ataque, que chegou a tornar-se perigoso, mas sem resultados finais apreciáveis. Abandonam as brancas no 55.º lance.

Segunda sessão

1 - Dr. Machado — G. Russel - 0. G. D. - Defesa Cambridge Springs — As pretas arriscaram-se a ganhar alguns peões abandonados fora da zona de perigo, permitindo que as

brancas desenvolvessem forte ataque sobre o Rei, que oportuno sacrificio da qualidade colocou a descoberto. As pretas abandonaram no 40.º lance.

1/2 - dr. Ribeiro — J. Moura - 1/2. P. R. - Defesa Francesa — Jogo pouco eficiente de ambas as partes contendoras. A partida simplificou-se aos poucos, até ao empatativo Final de Torres. Empatada no 47.º lance.

1/2 - R. Nascimento — L. Pias - 1/2. C. R. - Partida Zuckertort (irregular) — Interessantes escaramuças, baseadas no domínio das grandes diagonais al-h8 e cl-h6, não conseguiram forçar o equilíbrio, que não obstante a ligeira vantagem obtida depois pelas brancas subsistiu praticamente até o fim. Empatada no 62.º lance.

0 - C. Pires (F. Lupi - 1). P. D. - Defesa Holandesa — A boa disposição das peças negras explica a espontaneidade do ataque que Lupi conduziu no seu estilo característico. As brancas desistem no 30.º lance.

0 - Dr. Braumann — J. M. Ribeiro - 1. P. R. - Partida Ponziati — Apertadas pelo «controle», as brancas criaram fraquezas no roque, que prontamente foi submetido a decisiva pressão. As brancas esgotaram o tempo de reflexão regulamentar ao 30.º lance.

Terceira sessão

1/2 - J. M. Ribeiro — dr. Machado - 1/2. As pretas suportaram magnificamente o período de ascendente posicional das brancas, forçando um final difícil, onde a classe do Mestre Lisboa ficou de sobejo comprovada. Empate declarado no 55.º lance.

1 - F. Lupi — dr. Braumann - 0. P. D. Sistema Botvinnik — A má colocação da Dama preta, numa posição problemática, acarretou o malogro da combinação de Braumann para salvar uma peça. Desistência no 28.º lance.

1 - Leonel Pias — Carlos Pires - 0. G. D. - Defesa Marshall — As brancas aproveitaram com mestria a fraca abertura das pretas, que cedo sucumbiram ante a envergadura do pode-

roso ataque, desenvolvido primeiramente na ala do Rei e depois generalizado por todo tabuleiro. Abandonam as pretas no 30.º lance.

1 - J. Moura — R. Nascimento - 0. P. R. - Gambito Vienense — Característica fase de movimentado jogo aberto antecede a série de trocas que deu a Moura a vantagem material, com que forçou o ganho. Abandonam as pretas no 30.º lance.

0 - G. Russel — Dr. G. Ribeiro - 1. G. D. - Defesa Eslova - Var. Schlechter — As brancas não souberam aproveitar um erro das pretas, que permitia grave ameaça de mate, vindo a perder ingloriamente depois de luta longa e inprofícua. Abandonam estas no 54.º lance.

Posição no fim do primeiro terço da prova: 1.º - Dr. Machado, J. M. Ribeiro, G. Russel e F. Lupi, 2,5; 5.º - Pias e Moura, 1,5; 7.º - Nascimento e Russel; 9.º - Carlos Pias e P. Braumann.

VASCO C. SANTOS

Em 12 assaltos, Jack Johnson abateu Stanley Ketchell num encontro cheio de surpresas

Evocação de Rafael Barradas

O pugilista negro Jack Johnson foi, sem dúvida alguma, notável figura entre as mais notáveis do «ring».

Talhado à grande pela Natureza, as avantajadas proporções, conquanto elegantes, influíam considerável impressão de velocidade, força e resistência.

Dispunha igualmente, aliada a tais predicados, de viva e maliciosa inteligência, sabendo livrar-se das circunstâncias embaraçosas em que, a miúdo, se via metido, por efeito da pigmentação da pele.

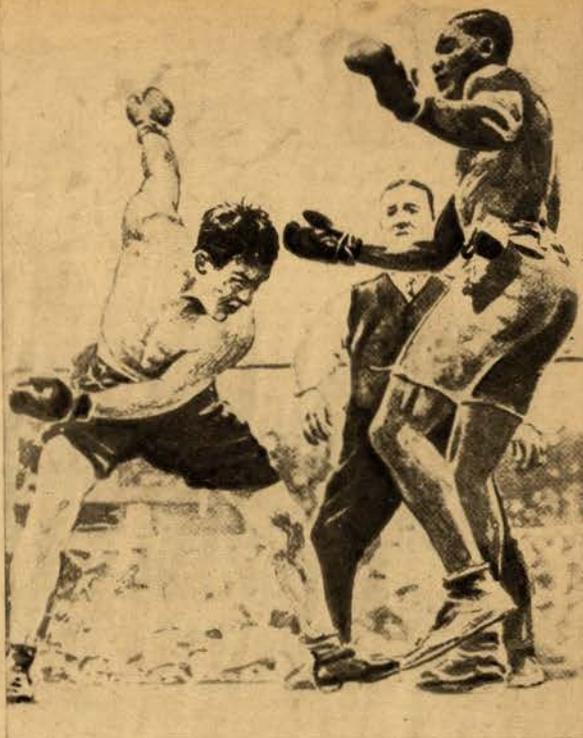
Por exemplo: Johnson não ignorava que a conquista do campeonato mundial de todas as categorias, obtida por um atleta de cor escura, seria intensamente desagradável aos norte-americanos. No entanto, imaginara realizar essa façanha de modo retumbante, que vexasse o povo *yankes* e o fizesse sofrer no seu orgulho.

Não contente com isto, o que de si já bastaria para lhe semear desabores em todos os Estados-Unidos, Johnson tinha um fraco romântico pelas mulheres de cor branca. E algumas aceitavam-lhe os galanteios e os dólares, circunstância que atrava o negro para as garras da lei americana, neste capítulo de mistura de raças justamente temível e intransigente.

Depois da cruel chacina de Tommy Burns, em Sidney (1908), os desportistas procuravam quem pudesse defrontar e abater o enorme negro de Galveston, corrigindo-lhe a insolência. Mas não se lobrigava nos horizontes do pugilismo alguém capaz de tal proeza. E tanta era a pobreza que foi um pêso-médio, aliás infinitamente destemido, Stanley Ketchell, o jogador que chamou a si o encargo de batalhar com Jack Johnson.

O combate travou-se em Colma, no dia 16 de Outubro de 1908. Enorme assistência presenciou a tentativa, tão galante e corajosa quanto inútil, de reaver para a raça branca o campeonato de todas as categorias.

Desde o início, o choque entre os dois atletas tomou aspecto rude e dramático. O branco, muito mais leve, era a personificação acabada de uma valentia indomável. Atrava-se constantemente ao preto, desprezando os golpes certos e potentes com que era correspondido. Ansiava por aplicar em bom sítio um só que fôsse dos seus potentes



O «swing» poderoso que lançou Johnson sobre a lona do ringo

«swing», mas Johnson sustinha-lhe os assaltos com murros eficazes no rosto e no tronco, cujos efeitos eram evidentes nas pálidas carnes do adversário.

Sangrando, o corpo inclinado mas a coragem intacta, Ketchell sentia a multidão acompanhá-lo cada vez que seus golpes, com tigrina fúria, alcançavam Johnson. E nisto foram passando onze assaltos, durante os quais o preto, sempre em risco de vir a ser colhido, massacrava sistematicamente o contrário, enchendo-o de sangue.

De repente, como que vindo do solo, viu-se o punho de Ketchell atingir em cheio a queixada de Johnson. O golpe trazia dinamite escorvado, que explodiu ao produzir o impate na ponta do maxilar. Como um pedaço de muralha que abatesse em bloco, o negro veio abaixo de chapa e mergulhou na lona do «ring», atordoado, procurando apoio numa das mãos. O abalo da queda ouviu-se em toda a arena e ao pasmo geral seguiu-se um silêncio impenetrável, absoluto.

A assistência seguiu com avidez a contagem do árbitro e os esforços de Johnson para se erguer antes da conta decisiva. Finalmente, ao 9.º segundo, el-lo de pé, enquanto que possuído de magnífica fúria Ketchell corria sobre ele para o prostrar de novo.

Nisto viu-se a inteligência pronta do negro em plena cerebração. Estava abalado, é certo, mas senhor de si. Refinando forças, caçou-o no caminho com um golpe em cheio, na boca, que levantou Ketchell do solo e o derrubou para trás, desmaiado, os braços em cruz.

O árbitro contou desta vez os dez segundos e a esperança dos americanos esvaiu-se com eles. Agora só restava Jim Jeffries, vivendo tranqüilo no seu rancho da California, para poder apagar o sorriso doirado do campeão...

Já nestas colunas contámos o modo como o velho pugilista perdeu a batalha das Raças e como a consternação geral perturbou o povo americano. Johnson continuou a sua carreira até que em 1915 era dominado pela juventude de um vaqueiro do Oeste, mais alto que ele e tão forte de pulsos como o lutador negro: Jess Willand. Mas a generosa e galante tentativa de Ketchell é um momento de coragem inolvidável, que perdurará e há-de figurar nos fastos do pugilismo.

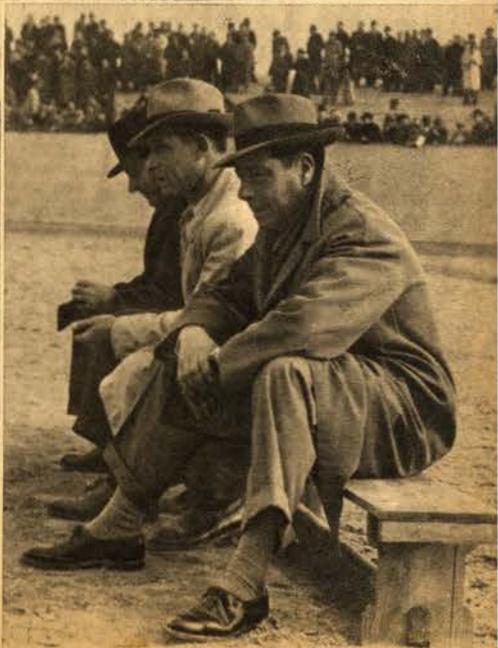
Ketchell acaba de atirar o campeão do mundo ao solo com um golpe potente





DOMINGO DESPORTIVO

HANDBALL: 1 — Fase do jôgo entre o Sporting e o Boa-Hora. Notar a curiosa posição em que a objectiva colheu um dos jogadores do Boa-Hora... **RUGBY:** 2 — No encontro entre o Belenenses e o Sporting, efectuado nas Salésias. **ATLETISMO:** 3 — O Benfica promoveu um «corta-mato» entre os seus atletas, dois dos quais se vêem num instante flagrante em plena prova. **HOCKEY EM CAMPO:** 4 — Dos encontros marcados para domingo só se disputou o que opunha os "teams" A e B do Benfica. A gravura foca uma fase d'êste jôgo



A MARCA
QUE EU
VOU USAR
EM CHAPÉUS
E BONÉS

O SPORTING

tem novo treinador

Joaquim Ferreira, o valoroso jogador de há anos, é o novo treinador dos «leões». Ei-lo com Manuel Soeiro, que orienta o trabalho dos juniores, a seguir o jôgo do seu clube com o Vitória de Setúbal — e a tirar certamente algumas conclusões...

O GRANDE CAMPEONATO

(Continuação da página 2)

O certo é que os jogadores do Sporting moveram-se contra o Vitória (Setúbal) sem quaisquer indicações, como se fora aquela sempre a sua camisola.

Sem indecisões e dominando, nam jogo frio e metódico, sem velocidade, como quem, tendo estudado uma lição, não sente quaisquer dificuldades na chamada. Começando no jogo por alto para logo baixar a bola, apertando a marcação na defesa e realizando a triangulação no ataque. Ora, o Vitória (Setúbal) aceitou semelhante estado de coisas. Fez também a sua lição — com honradez, dando a conhecer o que realmente sabe. Simplesmente, no capítulo da ciência e experiência, os sportinguistas em campo ficaram a uma distância do seu adversário que representa outro nível. Este devia enveredar por outro processo: realizar mais depressa, sacrificando o bem feito à ideia de velocidade; realizar com energia, colocando em transes o melhor conjunto que tinha pela frente. Porque esta orientação dá muitas vezes resultados, sobretudo em terrenos pequenos, os campos que favorecem os teams que jogam menos. Não sendo o caso do jogo — sempre era de tentar. Risco não tinha.

Mas o Vitória (Setúbal) não fez nada disso. Apercebendo-se da superioridade do antagonista aceitou os factos como eles eram, construindo o seu jogo em subordinação ao pensamento da defesa que bem se encaixou na ideia de ataque dos leões. Quando os setubalenses atacaram, e em raros períodos, as suas avançadas tiveram sempre o aspecto da tarefa desorganizada. Assim, o resultado não podia ter sido outro. O Sporting domina em todos os sectores. Estava, no entanto, numa tarde infeliz de remate.

Fala-se da influência dos leões.

Ergue-se o ataque belenense ao nível próprio.

Nam terreno mau (chegam-nos notícias de que o relvado do Lima está verdadeiramente impraticável, provocando, facilmente a lesão no jogador) e com chuva e nevoeiro, o Belenense venceu o Pôrto, e por um resultado que tem qualquer coisa de anormal. Em número de goals — uma surpresa.

Pode dizer-se, sem amesquinhar o vencedor, que o Belenense teve a sorte pelo seu lado. E sem amesquinhar o Belenense, porque, em condições normais, o clube lisboeta podia perfeitamente ter ganho. Devia até vencer, abstraindo a amputação do team portuense, porque a equipa, revelando-se como forte conjunto, mostrou poder na defesa e seu elevado valor nas linhas atacantes. Queremos afirmar que o ataque belenense produziu uma exibição perfeita no aspecto técnico, e dentro da sua fórmula elegante de domínio da bola que origina os laços mais precosistas do nosso futebol. Foi patente a insuflabilidade da linha média e da defesa portuense para destruírem a acção artística e combinada do ataque de Belém, todo ele, mas

especialmente os extremos e o avançado-centro.

Já aqui fica a imagem da partida. Todavia, o facto do médio-esquerdo ter marcado a segunda bola portuense nas redes que lhe cabia defender, e a lesão, fractura da perna, ao que parece, de Correia Dias, dez minutos antes do intervalo e nama altura em que os portuenses procuravam recompôr-se, são motivos salientes para se invocar a sorte e o azar, conforme o beneficiado e o prejudicado.

Na primeira parte, com tudo isto, o desafio ofereceu interesse. Praticamente, no segundo tempo, acabou a luta. O Belenense não teve dificuldade, com am Pôrto de dez homens, e desmoralizado, de chegar à meia dúzia de bolas, dominando de rede a rede.

Académica triunfa com justiça. Salgueiros em destaque, em Guimarães

A Académica marcou o triunfo. No entanto, afirma-se que, com várias oportunidades, daquelas de goal certo, veio a ganhar por uma bola de acaso, a desgraça de am defesa olhanense.

Na 1.^a parte, Olhão pôs em campo a sua tradicional fé, vendo a velocidade do seu jogo impedida ou destruída pelo estado do terreno. Nessa altura, os estandantes tiveram de dar-se a trabalho cerrado de marcação, tendo influência no resultado, sem dúvida, o brilho de várias defesas de Vasco. Os argalvos jogavam, no primeiro período, inteiramente, a sua sorte. A verdade é que, após o intervalo, estavam extenuados. Visivelmente extenuados. O Olhanense tem vindo a fazer os maiores esforços para colocar bem a sua terra e região, mostrando-se am valor positivo na Prova. Os teams, à base da velocidade e da reacção, sentem mais o desgaste das competições.

A esplêndida vibração da Académica soube aproveitar este desfalecimento algar-

vio. Na segunda parte, todas as indicações são concordes, a Académica domina territorial e tecnicamente. O Olhanense deu-se apenas à defesa, estando bem neste capítulo. Coisa que nos cumpre destacar, dado estar nas redes algarvias outro keeper que não Abraão. O saplente Duarte até defendeu uma grande penalidade. Sendo isto am pormenor — também poderá ser am indicação.

A luta de Benlhevai comportou aspectos muito interessantes. O Salgueiros fez am razoável partida, das melhores da sua carreira no torneio, e o Vitória (Guimarães) não lhe ficou nada atrás.

Basta dizer que os portuenses chegaram aos 2-0, movimentando-se no ataque e não deixando de aproveitar e praticamente explorar oportunidades e deslises. Os de Guimarães reagiram, forçados pelas circunstâncias. Tão fortemente e com tal êxito que, já no intervalo, ganhavam por 3-2. Ora — aqui se deu o fenómeno. Parece que, na segunda parte, devia o clube local insistir, aumentando a margem do triunfo. Pois não se verificou nada disso, e o que devia fazer am dos teams — fez o outro. O Salgueiros tentou o empate, jogando em toada ofensiva, que é realmente o que lhe dá mérito nesta sua conquista de am ponto em terras de Guimarães. Em seguida, o que foi a luta está admirado pelo facto do Vitória (Guimarães) voltar a desempatar e do Salgueiros empatar de novo, já quando o árbitro se preparava para lançar o grito de cessar fogo.

CAPAS PARA SEPARATAS

Avisamos os nossos leitores que termina no próximo dia 5 de Fevereiro o prazo para a requisição e levantamento das capas que oferecemos para encadernar as reportagens gráficas em separata.

Depois daquela data não aceitamos mais cupões.

Desportos de bola

HANDBALL — Uma modificação indispensável

TERMINOU no domingo a primeira volta da primeira fase deste soporífero campeonato de Lisboa; fica diante dos amadores da modalidade a desagradável perspectiva de mais cinco semanas de nulo interesse, para só depois chegarmos ao período decisivo dos encontros equilibrados e de merecimento desportivo.

Nas duas séries formadas com fortes e fracos disputaram-se 29 encontros, dos quais apenas sete tiveram verdadeiro sentido de competição; em dois jogos, o vencedor foi além de 20 bolas, em outros sete marcou mais de dez vezes e em mais três chegou aos nove pontos. E vai repetir-se a comédia...

Não ficará mal à Associação e aos clubes reconhecer que se enganaram; ainda é tempo de remediar se todos quiserem ouvir o bom senso e consentirem na alteração indispensável ao regulamento: omitir a segunda volta do torneio das séries de apuramento e entrar desde já nas séries finais com os resultados adquiridos.

Esta decisão traria ainda a vantagem de permitir que se constituísse a série de apuramento do campeão com seis equipas, em vez de quatro; a economia de cinco jornadas inúteis autorizaria o acréscimo de duas jornadas interessantes.

Adoptado este alvitre, ficariam, na série para apuramento do campeão, «Cuf», Sporting, Belenenses, Estoril, «Os Treze» e Marvilense ou Internacional.

No campeonato de 2.^a categoria, que reúne apenas sete concorrentes, nada impediria de os reunir em série única, em torneio com duas voltas.

Continuar insistindo no erro verificado, é prestar ao «handball» de Lisboa um mau, um péssimo serviço.

VOLLEYBALL — Uma semana de campeonato universitário

Com a mesma extraordinária animação e enorme concorrência de público académico, prossegue no ginásio do Instituto Superior Técnico o segundo campeonato universitário de «volleyball». O nível desportivo da competição tem sido, no entanto, este ano, bastante inferior, porque as equipas concorrentes se apresentam sem a menor preparação, exceptuando, é claro, o Técnico e o I. N. E. F. — e prestando justiça aos rapazes de Económicas pelo seu brioso comportamento e apreciável progresso.

As séries eliminatórias terminam na sexta-feira e só então saberemos quais hão-de ser os dois companheiros dos grupos-mestres na série final: por um lado é a Faculdade de Direito que reúne maiores probabilidades de qualificação, pelo outro lado a Faculdade de Ciências, mas a primeira citada vai ter adversário difícil no Instituto de Ciências Económicas.

Nas equipas não aparecem revelações; os jogadores mais destacados são todos elementos conhecidos dos grupos clubistas e a improvisação que preside ao agrupamento da generalidade dos concorrentes prova a deficiência de organização do desporto universitário, que apenas tem vivido no momento das competições, mas não possui existência própria definida, personalidade nem independência.

IMPRENSA

«A Bola»

O jornal «A Bola» — o bi-semanário que marcou o seu lugar na imprensa desportiva há anos — reapareceu no passado segunda-feira pela mão de Cândido de Oliveira e Ribeiro dos Reis, nossos prezados amigos e elementos dos mais distintos no jornalismo de especialidade no País. Figura como seu director Alvaro de Andrade, profissional de imprensa cujo passado e competência representam outra garantia de êxito. Falei apresentando o pelo recebido do seu primeiro número, «A Bola» é do melhor que se tem feito em Portugal. O programa de trabalhos, segundo as suas próprias palavras — aparece como jornal livre, sério e honesto; nas intenções e nos processos, a dizer do bem e a dizer o mal, na crítica, na doutrina, na propaganda desportiva — garante-nos que o esplêndido bi-semanário, onde trabalhe um grupo de cometas que muito estimamos, vai ser mais um peladão esforçado e valioso na causa de Educação Física e do Desporto. Saudando «A Bola» com toda a nossa simpatia, apresentamos-lhe os nossos expressivos e sinceros votos de longe vida.

II Divisão Nacional

A sessão de propaganda organizada pela «Stadium» para a distribuição dos prémios da prova de «corta-mato» decorreu no meio do maior interesse

É legítima a nossa satisfação, pois não se poderia desejar melhor epílogo à primeira iniciativa da Stadium em favor do atletismo português, no ano de 1945, do que aquele que foi dado a ver-se, quinta-feira última, na sede do Académico.

Na verdade, a sessão de propaganda que organizámos constituiu verdadeira festa de consagração à nossa revista, pelo muito que tem feito em prol do atletismo nortenho. E essa consagração desvanecia-nos ainda mais porque teve a presença do sr. Mário de Carvalho, ilustre Delegado do Pórtio da Direcção Geral de Desportos. Isto é: desde as entidades oficiais às particulares — todos, absolutamente todos, reconheceram a obra da Stadium, e vincaram esse reconhecimento através de calorosas afirmações.

A sessão de propaganda presidiu o sr. Mário de Carvalho, que tinha à sua direita o nosso camarada Eduardo Soares e os srs. dr. Leonardo Reis e Eduardo Silva, da A. P. A.; e à sua esquerda os srs. Teodemiro Argente, José da Fonseca Bastos e Joaquim Moreira Jr.

Falou em primeiro lugar o nosso camarada Eduardo Soares, que se referiu à série de iniciativas da Stadium em favor do desporto português e que teve palavras de agradecimento para todos quantos lhe têm prestado desinteressada colaboração — em especial o sr. Mário de Carvalho.

A seguir — e a convite especial da nossa revista — Roberto Machado proferiu uma brilhante palestra sobre as vantagens do atletismo, que foi escutada com o maior interesse. Magnífico trabalho, a revelar os indiscutíveis conhecimentos técnicos de Roberto Machado. Teodemiro Argente Júnior e Joaquim Moreira, tiveram palavras de aplauso e de simpatia para a Stadium e para o nosso camarada Eduardo Soares.

Procedeu-se então à distribuição dos prémios do «corta-mato» da Stadium, sendo entregue ao Salgueiros, na pessoa do seu delegado, sr. Ventura Araújo, a taça «Joaquim Moreira Júnior», e aos atletas António Bernardo, Artur Fernandes, Coutinho Monteiro, Eládio Silva, Carlos Miranda e Leonel Silva, artísticas medalhas.

Por último, e a encerrar a magnífica sessão, o sr. Mário de Carvalho fez-se ouvir num brilhante improviso, que lhe serviu para exaltar a obra da Stadium e para dirigir calorosas palavras de simpatia ao nosso camarada Eduardo Soares.

Capitão José Carvalhosa

O ilustre desportista sr. capitão José Carvalhosa, dos mais brilhantes elementos na nossa equipa internacional de hipismo, deunos há dias a honra da sua visita, com o fim de nos apresentar as suas despedidas, pois, como informámos, deixa por algum tempo o continente.

Gratos pela amabilidade da sua atenção, renovamos ao sr. capitão José Carvalhosa os nossos votos de felicidades — e de pronto regresso.

DE LUTO

Joaquim Torcato

ACABAMOS de receber a notícia do falecimento do sr. Joaquim Torcato, que foi nosso dedicado agente na Malveira. A família enlutada apresentamos a expressão do nosso sincero pesar.

As sétima jornada do campeonato nacional da II Divisão, comportando trinta e sete encontros, decorreu com a habitual regularidade e interesse.

Na maioria das séries — se não em todas — entrou-se já na segunda volta das «poules» que constituem a mais concorrida prova do futebol nacional. Há clubes com as suas posições mais ou menos definidas, de modo que o interesse das «reprises» reside na expectativa de alguma surpresa.

Neste aspecto — pode dizer-se — a «ronda» foi pouco fértil. A derrota do Gil Vicente em frente do Coimbrões, a escassa vitória da C. U. F. de Lisboa e a expressiva vitória do Fósforos, ficaram como notas salientes.

Desta vez, foram para o Torreense e Sporting da Covilhã os resultados mais nítidos: 9-0 para cada um. Segue-se o Portimonense com um 8-0.

A vitória do Coimbrões é, realmente, de assinalar. O conhecido clube não havia ainda experimentado a sensação do triunfo. Conseguiu isso no domingo e por um «score» que deixa supor que algo de extraordinário se passou.

Nas lutas entre clubes da A. F. Porto e A. F. Aveiro, a Ovarense «salvou a honra» dos últimos, batendo folgadoamente o Avintes. O Leixões, «leader» da série 4, dispôs do União de Lamas e o Académico também firmou superioridade sobre o Sporting de Espinho.

Os minhotos — Sporting de Braga e Famalicão — tiveram comportamento meritorio.

A luta Aveiro-Vizeu foi francamente favorável aos aveirenses. Vencedores Oliveirenses,

Campeonato de Júniores da A. F. L.

O campeonato de júniores da A. F. L. continuou no último domingo, com a habitual regularidade e animação.

Após de quatro jornadas, começam a ser conhecidas melhor as possibilidades dos concorrentes e, portanto, os prognósticos a ser mais fundamentados. Dentro desta ideia pode dizer-se que a «ronda» poucas surpresas forneceu, ainda que algumas equipas tenham dado melhor ou pior conta de si do que se esperava.

Estão no primeiro caso o Estoril Praia, o Oeiras, o F. Benfica, o Sacavenense e o Chelas; no segundo podemos considerar o Casa Pia, o Fósforos e o Benfica (B). Depois dos encontros do último domingo, as classificações ficaram assim ordenadas:

1.ª série — 1.º Atlético e Estoril, 11 pontos; 2.º C. U. F. 10; 4.º Oeiras, 9; 3.º Parede, 7; 6.º Belenenses B, 6; 7.º Paço de Arcos e Cascais, 5 pontos.

2.ª série — 1.º Sporting, 12 pontos; 2.º Benfica A, 10; 3.º Casa Pia A. C., 9; 4.º D. C. Arroios, 8; 5.º Palmense e Cascalheira, 7; 7.º Desportivo Operário e Futebol Benfica, 3 pontos.

3.ª série — 1.º Benfica (B) e Fósforos, 11 pontos 3.º Belenenses A, 9; 4.º Operário e G. D. da C. P., 8; 6.º Chelas, 7; 7.º Sacavenense, 6 pontos.

Os últimos encontros da série 1 forneceram os seguintes resultados: Belenenses B-Atlético, 1-3; Estoril Praia-Parede, 4-0. Cascais-C. U. F., 0-1; e Oeiras-Paço de Arcos, 2-1.

Desta vez já houve dois resultados que traduzem certo desequilíbrio de forças. A própria luta entre «azuis» e «atléticos» foi de vantagem clara para os últimos. Onde houve mais igualdade foi no desafio de Cascais.

A equipa B do Belenenses registou terceira derrota consecutiva, desta vez em face de um grupo que não foi ainda derrotado.

O Estoril vai bem lançado. Ganhou os encontros das três últimas «séries» e isso constitui preciosa indicação. Na série 2, anotaram-se os seguintes resultados: Cascalheira-Sporting, 0-2; Palmense-Benfica A, 0-6; Casa Pia A. C.-F. Benfica, 1-1; e D. C. Arroios-Desp. Operário, 3-0.

Para os «leões» e «encarnados» a circunstância de jogar no campo dos contrários não constituiu desvantagem. Uns e outros regressaram a casa com os três preciosos pontos... O Benfica parece ter estado mais à vontade do que o seu velho rival e voltou a alcançar o resultado mais expressivo da jornada.

O Arroios encontrou grande resistência por parte da defesa adversária e não foi além de três «goals». O Casa Pia, empatando, ficou à quem do que se esperava.

Na série 3, houve apenas três desafios, que tiveram os seguintes desfechos: Fósforos-Sacavenense, 1-0; Belenenses A-G. D. da C. P., 4-1; e Chelas-Benfica B, 5-3.

O Fósforos, que estava dando tão boa conta de si, encontrou no Sacavenense resistência superior à que previa. A vitória pela tangente é muito escassa para as possibilidades reveladas antes pelos dois clubes. Os «azuis» parecem ter, finalmente, entrado no melhor caminho.

Dos «encarnados» pode pensar-se que encaram a luta com excessiva confiança. Os, então, os belenenses melhoraram muito. A próxima jornada o dirá.

D. D.

Beira-Mar e Sanjoanense; seus vencidos: Boadisenenses, Académico de Vizeu e Lusitânia de Lourosa. O Tondela deu boa réplica ao Anadia e a Naval da Figueira firmou-se no posto de «leader» da sua série, desfazendo o empate com o seu vencido.

No Ribatejo, as lutas caracterizavam-se por equilíbrio de forças. Assim se conclui dos encontros Águia Vilafranquense-Alhandra S. C. e União Operário-Sporting fde Tomar. E a C. U. F. de Lisboa, para não desmanchar o conjunto, não conseguiu melhor do que uma vitória pela tangente contra o Sacavenense.

Os treze desafios do grupo C não forneceram nada de extraordinário. Sabido que o guarda-rédes do Marvilense se exibiu a grande altura, compreende-se que o Atlético não tenha ido além de 4-0.

A derrota do F. Benfica trouxe à prova novos motivos de interesse.

O resultado do desafio Peniche-Torreense parece excessivamente pesado para o primeiro. O Casa Pia triunfou pela tangente, mas tanto lhe bastou para fugir do último posto da série. O Chelas, com o seu título de campeão da II Divisão da A. F. L., continua em crise.

O Onze Unidos, empatando com o Seixal, só tem a seu favor a circunstância de ter jogado no campo do adversário. O Luso do Barreiro parece irregular. O Fósforos venceu mais facilmente do que pensava. O Barreirense venceu e convenceu, tal como o Aldegalense. O Operário foi incapaz de bater a C. U. F. do Barreiro.

Na Beira Baixa, a luta entre o primeiro e o último da série 13 foi nitidamente favorável ao Sporting da Covilhã. Inesperada, a derrota dos «encarnados» de Castelo Branco.

O campeão de Évora saiu-se airoso da sua deslocação para Portalegre.

Entre os algarvios, o Portimonense esteve em evidência, batendo um Louletano pouco convicto das suas possibilidades. O Lusitano teve trabalho difícil para vencer os farenses, mas parece que a vitória não lhe aproveitará. Seria preciso que o Louletano vencesse o Farense — e isso é pouco provável...

PUGILISMO

(Continuação da página 11)

tomou uma inspiração profunda e subiu para a balança. Em seguida, expirou por completo e manteve-se assim o tempo preciso para se verificar o seu peso.

«135 libras exactas!» — anunciou o funcionário perante o olhar ansioso e desiludido de de Beau Jack e do seu mentor.

Poucas horas depois, o combate realizava-se na presença de 19.066 pessoas, terminando com a vitória, por pontos, do challenger, por uma ligeira diferença. O título mudara de proprietário graças a um artifício curioso e simples — expiração completa e profunda — enquanto que, por um motivo científico inesperado — uma variação do campo gravítico — ia ficando em poder do seu primitivo detentor.

Caso semelhante ainda não chegara até nós e julgamo-lo inédito e raro nos anais do desporto universal. RAFAEL BARRADAS

Ano III — Lisboa, 31 de Janeiro de 1945 — II Série — N.º 113

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da

SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LDA.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Travessa Cidónio João Gonçalves, 19, 3.º

TELEFONE 5 1146 — LISBOA

Execução gráfica de NEOGRAVURA, LDA. — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A expressiva vitória do Belenenses no Pôrto

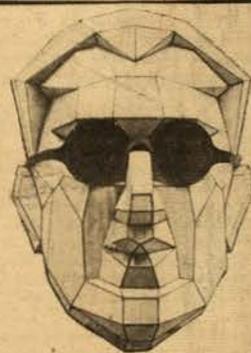
numa tarde em que a neblina mal deixava distinguir os jogadores em campo



1— Como entrou o 2.º ponto do Belenenses.
2— Barrigana não pode segurar a bola escorrega
da e é o 5.º "goal". 3— Armado e Guilhar
disputam a bola. 4— No penúltimo minuto: Eloi marca
o 6.º tento lisboeta.

INICIATIVAS DA «STADIUM» EM FAVOR DO DESPORTO NORTENHO

Aspecto da distribuição dos prémios do "corta-mato" organizado pela nossa revista no Pôrto, à qual presidiu o sr. Mário de Carvalho, delegado da D. G. D. (ver noticia noutro lugar).



**GIL
OCULISTA**

FUNDADA EM 1866
Depositária das lentes "ZEISS"
Binóculos, Termómetros
Bússolas de marcha, etc.
Aparelhos de Precisão

136, RUA DA PRATA, 149
Telefone 3.252 - LISBOA